II Congresso Nacional de Formação de Professores
XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores

Trabalho Completo

O CONCEITO DE ATIVIDADE/ AÇÃO PRESENTE NA FORMAÇÃO INICIAL E NAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Joana Angélica Bernardo De Oliveira Reis, Gilza Maria Zauhy Garms

Eixo 1 - Formação inicial de professores para a educação básica
- Relato de Pesquisa - Apresentação Oral

A concepção que o professor tem sobre o conceito de atividade começa a ser formada com suas experiências como aluno, e vão se delineando em sua formação inicial até quando começa atuar diretamente com as crianças. Muitas propostas educativas foram criadas ao longo da história da educação, que valorizam a participação da criança, sua competência e a importância de sua ação, mas pesquisas comprovam que estes ideais ainda estão distantes da realidade das escolas. Mas esta distância não decorre da falta de propostas inovadoras, e sim, da sua transformação em práticas pedagógicas. O objetivo da pesquisa é discutir o conceito de atividade e suas implicações na formação inicial e nas práticas de professores da Educação Infantil e verificar quais as concepções de atividade e criança estão presentes no discurso dos estudantes do segundo ano de Pedagogia da FCT/Unesp e nas práticas de 3 professores de Educação Infantil de Presidente Prudente e comparar estas concepções com o pensamento dos teóricos que orientam os cursos de formação de professores e compõem as propostas pedagógicas das instituições. Para realização da pesquisa aplicamos questionários com os alunos de pedagogia e observações das práticas dos professores. Os resultados apontaram uma diversidade de concepções, revelando a falta de clareza do que é a atividade na Educação Infantil. Com relação às práticas dos professores, observamos concepções de atividade que, se aproximavam apenas da simples realização e outras vezes possibilitavam a ação e participação ativa da criança. Demonstrando uma necessidade de aprofundamento de estudos sobre a importância das atividades e da ação da criança como instrumento essencial para aprender e assim, contribuir para a mudança efetiva e melhora da qualidade na Educação Infantil.

O CONCEITO DE ATIVIDADE/ AÇÃO PRESENTE NA FORMAÇÃO INICIAL E NAS PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Joana Angélica B. Oliveira Reis; Gilza Maria Zauhy Garms. Faculdade de Ciências e Tecnologia, FCT, UNESP, Presidente Prudente

Introdução

O presente texto pretende discutir o conceito de atividade e suas implicações na formação inicial e nas práticas de professores da educação Infantil. O conceito de atividade perpassa a prática pedagógica do professor de Educação Infantil, mas começa a ser delineado antes das primeiras experiências em sala com as crianças. Pode-se dizer que o conceito ou a concepção que o professor tem sobre atividade começa a ser formada com suas experiências como aluno, e vão se concretizando com os estudos em sua formação inicial e tomam forma quando o profissional atua diretamente com as crianças. Assim, este é um conceito que precisa ser compreendido com profundidade pelos profissionais da educação, desde o início de sua profissionalização, pois de modo geral as atividades das crianças são consideradas como base para o trabalho educativo.

Mas afinal, o que se entende por atividade na Educação Infantil?

Para responder esta questão, é preciso conhecer as concepções dos professores que atuam com crianças pequenas e dos futuros professores, para compreender os fundamentos de suas concepções sobre atividade e possibilitar que eles reflitam sobre a importância da atuação educativa para possibilitar a ação da criança no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Neste sentido, serão apresentadas as concepções de teóricos que influenciaram a Educação Infantil no Brasil e que suas ideias estão presentes até hoje nas práticas pedagógicas, nos cursos de formação inicial e também nas propostas pedagógicas das instituições, além de serem relevantes pela contribuição, inovação e pela possibilidade de (re)construção de propostas pedagógicas para atualidade.

Partindo destas concepções e conceitos serão discutidos as concepções de atividade de 49 estudantes de Pedagogia, obtidas através da realização de entrevistas com duas turmas do segundo ano de 2013 e que quando formados atuarão diretamente com crianças ou serão formadores de

outros docentes. Por fim, serão apresentados pequenos recortes da prática de três professoras formadas no curso de pedagogia que atuaram na Educação Infantil no ensino público em 2006 para analisarmos as concepções de atividade, ou seja, concepções do papel da ação da criança na construção do seu conhecimento, presentes em suas práticas.

Entendendo a importância das atividades/ ações da criança na Educação Infantil.

Muitas propostas educativas foram criadas ao longo da história da educação, e valorizam a participação da criança, concebem sua competência e a importância de sua ação, mas diversas pesquisas comprovam que estes ideais ainda parecem distantes da realidade da maioria das escolas, além disto, existe um discurso sobre a dicotomia entre as teorias e a prática pedagógica. No entanto, percebe-se que esta distância não decorre de falta de propostas inovadoras, mas de transformação das práticas pedagógicas.

Na trajetória para construção de uma pedagogia da infância é preciso retornar as origens e buscarmos os princípios norteadores para assim avançarmos nesta direção.

Considerando as contribuições selecionamos alguns autores que influenciaram as propostas pedagógicas brasileiras, e fizemos estas escolhas, pois as propostas destes autores elucidam significativamente sobre a importância da atividade, embora saibamos que existam outros autores que também contribuíram para esta discussão.

Neste aspecto serão consideradas as teorias elaboradas pelos precursores da Educação Infantil que foram adotadas como propostas pedagógicas, e segundo Kramer (1991 *apud* ANGOTTI 2002 e GARMS 1998 p.25-33), podem ser agrupadas em três tendências predominantes, no Brasil, caracterizando o atendimento e as práticas educativas:

> A tendência romântica: a pré-escola é um jardim, as crianças são as flores ou sementes, a professora a jardineira. A educação deve favorecer o desenvolvimento natural. (p.25). Representantes: Froebel e Montessori.
> A tendência cognitiva: a criança é sujeito que pensa, e a pré-escola o lugar o lugar de tornar as crianças inteligentes – A educação deve favorecer o desenvolvimento cognitivo (p. 28), representada por Piaget.
> A tendência crítica: a pré-escola é lugar de trabalho, a criança e o professor são cidadãos, sujeitos ativos, cooperativos e responsáveis. A educação deve favorecer a transformação do contexto social (p.33), cujo representante é C. Freinet.

Além dos pensadores Froebel, Montessori, Freinet destacaremos também as contribuições de Piaget para a discussão do conceito de atividade

na Educação Infantil, pois suas concepções dão embasamento para as principais tendências pedagógicas que influenciaram e continuam influenciando a Educação Infantil no Brasil.

Nessa perspectiva, assim como para Angotti (2002, p.XVIII), a escolha desses autores está baseada:

> ....na importância deles, detectada pelo legado pedagógico que construíram, pela produção registrada na literatura mundial (suas obras estão editadas nos mais variados idiomas), pelas constantes referências da influência que tiveram nas origens da pré-escola no Brasil, expressas na literatura existente.
> Outro fator na escolha advém do fato de representarem tendências pedagógicas variadas de grande difusão em cursos de formação de professores e, portanto, passíveis de disseminação nas práticas de nossas escolas.

Friedrich Froebel (1782 -1852)

A proposta educativa de Froebel apresentava princípios educacionais baseados nos seus ideais filosófico-teológicos, e foram inovadoras para seu tempo, como apontam Kishimoto e Pinazza (2007) e Nicolau (1994, *apud* BATISTA; MENDONÇA; ZAMBERLAN, 2005) que afirmam que as ideias de Froebel reformularam a educação da sua época, pois sua pedagogia enfatizava a importância da atividade e liberdade. Foi fundador do primeiro Jardim de Infância (*Kindergarten*), onde as crianças eram tratadas como plantinhas de um jardim, do qual o professor seria o jardineiro.

Segundo Angotti (2002), os princípios propostos por Froebel tratavam da auto-realização que se efetiva através da atividade e da auto-atividade que como apontam Kishimoto e Pinazza (2007) é o momento em que a criança exterioriza seu saber e desenvolve-se.

Froebel também fundamentou sua teoria educativa nas atividades e considerou o caráter lúdico um fator determinante da aprendizagem das crianças e sistematizou recursos e materiais para as crianças se expressarem, baseados nas atividades e interesses de cada fase da vida, como brincar e desenhar livremente.

Este educador foi o primeiro a enfatizar o brinquedo, a atividade lúdica, as relações humanas e familiares e também criou uma metodologia e um material básico, que são os dons e as ocupações, diferenciando a educação infantil dos demais grupamentos.

Contribuiu para a Pedagogia moderna, apontando o ser humano como um ser essencialmente dinâmico e produtivo, e não meramente receptivo, concebendo a atividade como uma ação para desenvolver não só os movimentos físicos, mas também os processos mentais da criança. Ele

também apresentou uma concepção de formação profissional e segundo Kishimoto e Pinazza (2007) envolve a compreensão da relevância do brincar.

Segundo Kishimoto e Pinazza, (2007, p.60):

> Uma pedagogia da infância que valorize a atividade e a participação criativa da criança e considere o brincar como essencial no plano curricular e metodológico não pode prescindir dos pressupostos filosóficos de Froebel. Embora seu simbolismo exacerbado seja inadequado, não pode negar o caráter inovador e humanista das ideias froebelianas a respeito da natureza da criança pequena e das práticas educativas.

Maria Montessori (1870- 1952)

Os princípios norteadores do trabalho de Montessori, segundo Angotti (2002), estão calcados na epistemologia sensório-empirista ou ensino intuitivo, que faz a educação das sensações, das intuições para a inteligência, do abstrato e do pensamento operatório. Além destes princípios também considera a atividade como a mola propulsora, a força motriz da construção da personalidade humana e a liberdade individual. Assim, na escola, segundo Montessori, a criança era sujeito da sua ação, sendo livre para agir sobre os objetos que já estavam preestabelecidos (jogos e materiais específicos desenvolvidos por ela), mas de acordo com a fase de desenvolvimento de cada criança e seu interesse e necessidade.

Com relação à atividade, Montessori procurava canalizar a ação e movimentos para algo do interesse das crianças. Considerava, dessa forma, o movimento como representação e exteriorização da atividade psíquica espontânea do indivíduo, a qual, para ela, manifestava-se na liberdade de efetivar trabalhos. Segundo Araújo e Araújo (2007, p.127) “liberdade e atividade concretizam-se através da escolha livre dos materiais por parte da criança.” E caracteriza-se pela concentração em um trabalho sobre a exploração de um objeto.

Ela entendia que a atividade precisava envolver a criança, sendo pensada e determinada de acordo com o interesse do aluno, para levá-lo à livre escolha e à disciplina ativa. Neste caso, a preparação do professor precisa ser voltada para observação e experiência.

Célestin Freinet (1896-1966)

Para Freinet, as mudanças necessárias na educação deveriam ser feitas pelos próprios professores, estabelecendo uma relação de afetividade, ancorada no respeito, cooperação e responsabilidade diante do grupo. Segundo Elias e Sanches (2007, p.167), a pedagogia de Freinet caracteriza-

se por sua dimensão social, e apresenta dois pressupostos, da aprendizagem como atividade construtiva da criança e do trabalho criativo como motor da ação educativa. Estes princípios distinguem-se da sala de aula tradicional, pois permitem possibilidade de construção e criação.

Atribuía grande ênfase ao trabalho, às atividades manuais, que, para ele, tinham importância semelhante às intelectuais; a disciplina e a autoridade, que na sua perspectiva, resultam do trabalho organizado. Questionava as tarefas escolares repetitivas e enfadonhas, propondo o trabalho/jogo como atividade fundamental. Estabeleceu para o professor um material para avaliação de suas práticas, que são as invariantes pedagógicas versadas sobre três aspectos (a natureza da criança, as reações das crianças e as técnicas educativas).

Freinet considerava a aquisição do conhecimento como fundamental, desde que garantida de forma significativa. Para ele, conforme Angotti (2002), a atividade deveria satisfazer a necessidade da criança e suprir seus interesses, vontades. Segundo Garms (1998), um dos princípios básicos de Freinet, é a atividade espontânea, o ponto inicial da educação parte da atividade espontânea da criança e dos seus interesses.

Para Angotti (2002), Freinet, compreendia a atividade como uma forma de possibilitar à criança alcançar o autocontrole e a organização das suas ações; afirmava que o processo da realização das tarefas deveria ser prazeroso e interessante, respeitando o ritmo de cada um e permitindo a cooperação, a participação e a ação ativa na formação da criança.

Sobre a formação dos professores da infância, Freinet segundo Elias e Sanches (2007, p.167 e 168) considera a valorização da experiência com crianças, a interdisciplinaridade das atividades, a construção da autonomia e a elaboração de um projeto pedagógico voltado para transformação da sociedade.

Jean Piaget

Piaget, considerado um dos maiores epistemólogos do século XX, biólogo por formação, dedicou-se à Psicologia com o propósito de estudar questões epistemológicas (O que é o conhecimento? E como ocorre?). A epistemologia genética criada por ele, em primeiro lugar estudou a gênese das estruturas e dos conceitos científicos e, em segundo lugar, procurou desvendar, através da experimentação, os processos fundamentais de formação de conhecimento na criança.

Embora Piaget não tenha sido pedagogo, seu trabalho influenciou e contribuiu muito para a atividade educacional, tendo diversos seguidores que o representaram nesta área, como Constance Kamii e outros. Pois como aponta Garms (2012) ao oferecer a imagem de uma criança criativa, ativa e construtora de seus conhecimentos, Piaget, tornou possível repensar a educação baseada na transmissão de conhecimentos, por não respeitarem as leis do desenvolvimento mental da criança.

O conceito de atividade para Piaget está diretamente ligado ao conceito de ação, pois segundo Garms (2012) ele considera a ação do sujeito um instrumento essencial para aprender, uma vez que, é o sujeito que escolhe e explica ativamente as informações do meio para construir seu próprio conhecimento e pode ou não se manifestar através de uma ação externa (movimento) ou não, através da ação e movimento interno (pensamento). Para Piaget o conhecimento está vinculado a uma ação e conhecer algo é fazer uso e apropriar-se, assimilando a esquemas de ação.

Piaget, diante do conceito de atividade, integra a atividade prática como ponto de partida do desenvolvimento intelectual, numa continuidade, que integra motivação e necessidade refinando a noção de atividade inicialmente ligada à ação efetiva, que vai sendo interiorizada.

Dentre os princípios básicos da teoria de Piaget pode-se transpor para educação a importância do jogo e o valor da brincadeira infantil como meio de desenvolvimento e como aponta Garms (2012) deve basear-se nos instrumentos intelectuais que a criança possui propiciando um ambiente investigativo, de pesquisa e descoberta.

A evolução das ideias descritas postula em comum a importância da atividade da criança, no processo de ensino-aprendizagem. O princípio da atividade se refere tanto a aspectos do desenvolvimento da criança quanto a aspetos da prática pedagógica. Esse princípio propõe que a prática pedagógica deve considerar e estimular as disposições naturais, ativas, do desenvolvimento da criança, mas considerando a importância das interações sociais na construção do conhecimento, pois a inteligência se desenvolve nas trocas dentro de um contexto social.

Sob essa ótica, a criança é compreendida como um ser ativo, cuja ação está subordinada à lei do interesse ou da necessidade. Isso significa tornar necessário despertar nela os motivos autônomos dessa atividade, para que possa alcançar seu pleno desenvolvimento. O papel da ação educativa é favorecer, facilitar o emergir espontâneo dos potenciais da criança para o

surgimento dos modos moral e científico de pensar e o professor como aponta Garms (2012), deve estimular e despertar a curiosidade e investigação, estando preparado para encontrar sempre novas maneiras de despertar o interesse e atividade da criança, sendo organizador de situações problematizadoras, desafiadoras e provocando na criança a busca por respostas, ou seja, pelo conhecimento.

Descrevendo e refletindo sobre as concepções presentes no discurso dos futuros professores e nas práticas manifestas.

Assim, os precursores citados anteriormente, que marcaram a Educação infantil, embora exibam divergências epistemológicas e, consequentemente metodológicas, quanto à prática pedagógica, consideram a importância da atividade e da ação como instrumento essencial para aprender.

E, nesse contexto, compreendemos que o trabalho na Educação Infantil deve priorizar a concepção da criança como "rica em potencial, forte, poderosa, competente e, mais que tudo, conectada aos adultos e às outras crianças" (MALAGUZZI, 1993, *apud* DAHLBERG et al., 2003, p. 69), para que, como co-construtores dos conhecimentos, da cultura e da sua identidade, seja entendida como sujeito complexo, único e individual.

Na construção do conceito da criança "rica", a aprendizagem não é um ato cognitivo individual realizado quase em isolamento, na cabeça da criança. A aprendizagem é uma atividade cooperativa e comunicativa, na qual as crianças constroem conhecimento, dão significado ao mundo, junto com os adultos e, igualmente importante, com outras crianças: por isso, enfatizamos que a criança pequena, como aprendiz, é um co-construtor ativo: "[...]. a criança não é um receptor e reprodutor passivo [...] (DAHLBERG et al., 2003, p. 72). Nesta perspectiva, consideramos a necessidade de investigar se esta concepção de atividade está presente tanto no discurso dos estudantes, futuros professores como nas práticas dos profissionais de educação infantil.

Para realização da pesquisa perguntamos aos alunos do segundo ano do curso de Pedagogia "o que eles entendiam por atividade na Educação Infantil" e ao analisarmos as respostas dos questionários, encontramos uma diversidade de concepções, algumas delas muito próximas do senso comum, outras um pouco mais elaboradas e por fim, algumas apontando para reflexões mais fundamentadas, revelando na análise geral a falta de clareza do que é a atividade na Educação Infantil.

As respostas provocam uma reflexão sobre a necessidade de discutirmos o tema da concepção de atividade na Educação Infantil, visto que, embora os precursores da pedagogia da infância ressaltam a importância da ação e atividade, já há muito tempo, as práticas observadas e as concepções presentes nas respostas obtidas ainda mostram-se discrepantes e não condizem com os princípios defendidos pelos pensadores da educação infantil.

Assim, organizamos e aglutinamos as respostas em seis categorias, conforme aparecem nos questionários, pela ordem de frequência de repetições:

1. **Atividade é a ação que promove o desenvolvimento da criança, ou seja, desenvolve as potencialidades em todos os campos, afetivo, cognitivo e motor.**

A primeira categoria apresenta uma concepção de atividade ligada ao desenvolvimento e representa a maioria das respostas dos estudantes de pedagogia revelando uma concepção ligada às práticas que se justificam pelas descobertas da Psicologia e que adentraram o ideário dos profissionais de Educação Infantil. Esta concepção em grande parte deve-se a apropriação indevida da teoria de piagetiana, ao propor acelerar o desenvolvimento mental da criança e para tanto, descaracterizou-se a importância do papel do professor, ao dar uma interpretação equivocada de que a criança aprende somente de forma espontânea, sem intervenção ou interação com o outro (crianças ou adultos).

2. **Atividade é a realização de algo prazeroso, divertido, gostoso, lúdico, ou seja, jogos e brincadeiras.**

Na segunda categoria encontramos a concepção de atividade relacionada a brincadeira e a ludicidade. Isto parece um avanço, no entanto, destaca-se a seguinte resposta:

"As atividades na Educação Infantil são realizadas de forma lúdica, mas não deixando a aprendizagem efetiva de lado".

Torna-se evidente que embora na resposta considera-se que as atividades e a ação educativa devam ser dotadas de ludicidade, da mesma forma como apontavam os precursores da pedagogia da infância, nota-se que secundarizam o brincar, quando afirmam que não promove uma aprendizagem efetiva, polarizando desta forma, brincar e aprender.

Isto revela uma distinção entre concepções, do lúdico e aprendizagem efetiva, e no lugar de valorizar a necessidade da aprendizagem de forma

lúdica acaba desvalorizando e considerando a ludicidade apenas como uma necessidade e não como forma de aprendizagem efetiva para a criança. Porque também apareceram respostas semelhantes ao seguinte exemplo:

"Atividade como forma gostosa, divertida, com brincadeiras, prazeroso".

Neste caso evidencia-se uma concepção superficial do que é o brincar, ou seja, apenas deixar livre, sem compreender a efetiva importância do jogo como aponta Freinet, Piaget e Froebel, isso, segundo Kishimoto e Pinazza (2007) decorre de uma apropriação que se tornou senso comum das teorias.

"A originalidade de Froebel, hoje senso comum na educação infantil, é vincular o papel do jogo na primeira infância à concepção de material estimulante, especifico, manipulável e simbólico" (Dewey, 1958, Brougére, 1995 *apud* Kishimoto e Pinazza, 2007, p.57).

3. **Atividade é a ação que promove a interação com o professor, são as propostas elaboradas, dirigidas e direcionadas pelo professor para a criança realizar com um objetivo, um resultado ou uma meta final.**

Já na terceira categoria aparecem respostas que apontam para uma perspectiva que entende as atividades na Educação Infantil como sendo as ações desenvolvidas pela criança e que estão apenas diretamente relacionadas com as ações do professor, ou seja, que limita a ação das crianças as ações do professor e que consideram a figura do professor como central do processo. No entanto, estas preposições foram fortemente refutadas por todos os precursores da pedagogia da infância, Froebel e Freinet defendiam a ideia da participação, envolvimento, interesse da criança por suas ações, por sua vez consideraram assim como Montessori, a necessidade da preparação do ambiente, dos materiais pelo professor, mas isto, não pode tornar-se mais relevante que a própria ação da criança.

Segundo Kishimoto e Pinazza (2007) as ideias de Froebel por serem interpretadas de forma equivocada e assim por terem caminhado para a centralidade das atividades no professor geraram instituições de Educação Infantil, em que as crianças não tem iniciativa, apenas cumprem o que lhes é exigido. "Hoje, os jardins-de-infância tornaram-se escolas dominadas pelo controle do adulto, sem espaço para a iniciativa da criança" (Kishimoto e Pinazza, 2007, p.57). Assim, como também as críticas feitas a Montessori, relacionadas ao silêncio e autocontrole.

4. **Atividade são todas as ações que a criança realiza na escola, relacionadas ao cuidado e a educação.**

A quarta categoria de respostas mostra uma concepção de atividade que mais se aproxima com as propostas feitas pelos precursores da pedagogia da infância e que aponta para a ideia de que todas as ações realizadas na instituição são atividades, ou seja, são ações ligadas a práticas que promovem a ação da criança e seu interesse. Neste sentido, o papel do professor é importante, mas não central, pois é este profissional que vai organizar os espaços, os materiais para que a criança possa agir com autonomia, interesse percebendo os sentidos e vendo significado em suas ações.

5. **Atividade são ações que estão de acordo com a faixa etária da criança, e que possibilitam o desenvolvimento e aquisição de habilidade, adequadas a capacidade.**

A quinta categoria de respostas direcionam para uma concepção de atividade determinada pela faixa etária da criança, também apresentam um viés psicologizante da Educação Infantil, e pode gerar preconceitos com relação as crianças e excesso de comparações, no entanto, é importante conhecer as fases do desenvolvimento infantil, para respeitar e organizar o trabalho educativo considerando as especificidades das crianças, mas sem enquadramentos que impedem ou dificultam a apropriação do conhecimento pela criança. Montessori já abordava a necessidade de se respeitar as fases das crianças apontando que professor deveria tratar cada criança individualmente, de acordo com suas necessidades e respeitando o ritmo de cada uma para a construção da personalidade, através do desenvolvimento da inteligência e autonomia.

6. **Atividade são os métodos de ensino, para avaliar a capacidade da criança por diversos critérios, para estimular, melhorar e modificar.**

Por fim, a sexta categoria apresenta uma visão que caracteriza a atividade como método, e revela inicialmente uma concepção da criança como um vir a ser que precisa ser moldado e aprimorado através de técnicas bem definidas e que possivelmente se apresentarem bons resultados, poderão ser reproduzidas novamente em outras ou com outras crianças. Esta visão aproxima-se da concepção do processo de ensino centrado no professor, precisando ser superada. Embora não se desconsidere a importância das técnicas e metodologias, as propostas pedagógicas na Educação Infantil envolvem muito mais que mera aplicação. Envolvem o cuidar e educar e ações que promovam a aprendizagem significativa, a ação da criança e seu envolvimento com o ato de aprender em qualquer momento,

seja na hora da alimentação, ou do desenho, da pintura, ou na construção de regras de convivência, na brincadeira de faz de conta etc.

Interligando as concepções para concluir...

Semelhantemente as concepções que encontramos nas respostas dos estudantes de Pedagogia, observamos diferentes concepções de atividade ao analisarmos as práticas das professoras de Educação Infantil. Concepções e conceitos de atividade que, ora se aproximam apenas da simples realização e ora possibilitam a ação e participação ativa da criança. Revelando uma necessidade de aprofundamento sobre a importância das atividades, ou seja, da importância da ação da criança sobre o objeto do conhecimento do mundo físico e social.

Assim, apresentaremos de forma sucinta as análises da prática de três professoras atuantes na Educação Infantil, duas delas apresentaram práticas com atividades centradas no professor, ou seja, as ações das crianças dependiam das instruções do professor para serem realizadas. Exemplo: atividades mimeografadas para a criança ligar e relacionar objetos, cópias da lousa, repetição do alfabeto etc. No entanto, as mesmas professoras apresentaram em alguns momentos a possibilidade da ação criativa da criança ou a ação livre da criança, proporcionando atividades lúdicas, embora nestes momentos nem sempre era evidente a clareza da importância da brincadeira.

Uma das professoras, no entanto, realizava suas práticas valorizando e concebendo a atividade da criança como essencial para aprendizagem e desenvolvimento, pois fazia de cada ação da criança um momento significativo. Exemplo: o período do sono, assim como o banho, alimentação, escovação etc, que para muitos professores não é considerado como atividade por ser algo que faz parte da rotina (como exposto nas respostas que consideram atividade apenas algumas ações como - brincadeiras e ações direcionadas pelo professor), a professora tornava este um momento de aprendizagem. Isto acontecia, pois era planejado para possibilitar ação das crianças. Aqueles que queriam dormir organizavam seus colchões e a professora colocava música ou lia uma história para eles, e aqueles que não queriam dormir, podiam ficar na sala fazendo atividades que não atrapalhassem os colegas, como leitura, e assim, a atividade acontecia de forma tranquila e muito natural.

Estas práticas revelam uma concepção de que a participação da criança, sua ação e pertencimento tornam o trabalho educativo mais prazeroso tanto para o educador, como para a criança. Isto já era previsto pelos precursores da pedagogia da infância, mas precisa de fato adentrar nas creches e instituições de educação infantil.

A análise feita permitiu ao interligar os fios trabalhados, tecer algumas considerações significativas com relação ao que é atividade, objetivo da investigação levada a efeito. Constatou-se que a maioria dos participantes não considera o papel da ação como instrumento essencial para aprender, ou seja, não compreendem que criança ativa é aquela que movimenta internamente seus processos mentais, pelo interesse e necessidade no ato que realiza como aponta a perspectiva piagetiana.

Referências

ANGOTTI, M. **O trabalho docente na pré-escola**: revisitando teorias, descortinando práticas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning. 2002.

ARAÚJO, J.M.; ARAÚJO, A. F. Maria Montessori: infância, educação e paz. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M.A. (orgs). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. – Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 115 – 144.

BASTISTA, C. V. M.; MENDONÇA, C. N. de.; ZAMBERLAN, M. A. T. Ideólogos precursores de práticas inovadoras na educação infantil. In: ZAMBERLAN, M. A. T. (org). **Educação infantil**: subsídios teóricos e práticas investigativas. Londrina: CDI, 2005. p.19-30.

DAHLBERG, Gunilla; MOSS, Peter; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância**: perspectivas pós-modernas. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003. Título original: Beyond quality in early childhood eduction and care: postmodern perspectives.

ELIAS, M. D. C; SANCHES, E. C. Freinet e a pedagogia – uma velha ideia muito atual. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M.A. (orgs). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. – Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 145-170.

GARMS, G. M. Z. **(Re)construindo o trabalho docente na pré-escola:** uma tentativa de intervenção. 1998. 243f. Tese (Doutorado) – Faculdade Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marilia, 1998.

GARMS, G.M.Z. A ação como instrumento essencial para aprender: tributo piagetiano para a pedagogia da infância. In: Garms, G.M.Z.; RODRIGUES, S. A. (orgs).**Temas e dilemas pedagógicos da educação infantil**: desafios e caminhos. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012. (Coleção Educação e Psicologia em Debate). p.61-89.

KISHIMOTO, T.M.; PINAZZA, M.A. Froebel: uma pedagogia do brincar para infância. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M.; PINAZZA, M.A. (orgs). **Pedagogia(s) da infância**: dialogando com o passado: construindo o futuro. – Porto Alegre: Artmed, 2007. p.37- 63.